

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

José Fernando Gabriel

Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica

São Paulo/SP

2018

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituição: Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec) do Centro Paula Souza

Levantamento de dados preliminares a entrevista: O professor José Fernando Gabriel é curador do Centro de Memória da Escola Técnica Estadual João Belarmino, em Amparo/SP, e já participou da proposição de projeto de HAE de Memórias e História da Educação, mas há algum tempo tem somente algumas horas oferecidas pela unidade escolar para atuar no centro de memória.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia M de Carvalho

Local da entrevista: Centro de Memória da Etec João Belarmino em Amparo/SP

Data da entrevista: 12 de abril de 2018

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: 56 minutos e 07 segundos

Número de vídeos: 2 (dois)

Transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Número de páginas: 14

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, que vem sendo realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, criando um volume para entrevistas com os curadores em centros de memória, proposto pela coordenadora de projetos Maria Lucia Mendes de Carvalho. Essa entrevista foi realizada durante a visita técnica

que a professora Maria Lucia Mendes de Carvalho fez ao Centro de Memória da Etec João Belarmino para conhecê-lo, em 2018, e o professor tinha horas atividades para cuidar do acervo escolar. Essa visita foi realizada considerando que a escola é centenária e fez parte da criação dos oito primeiros centros de memória institucional

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 05 de janeiro de 2022 e de 20 a 22 de fevereiro de 2025

Nome da transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Vídeo um (2 minutos e 47 segundos)

Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC): Boa tarde, José Fernando Gabriel, eu agradeço você estar me recebendo hoje, aqui no Centro de Memória da Etec João Belarmino, em Amparo, hoje que é dia 12 de abril de 2018, ano que nós comemoramos 10 anos do GEPEMHEP, e eu gostaria nessa visita, que infelizmente, é a minha primeira visita ao centro de memória, conhecer um pouco da sua história enquanto profissional na escola técnica, como você veio para a instituição, eu sei que você foi aluno, como se tornou professor de História e qual foi a sua relação inicial com o centro de memória, que depois você passou a ser curador desse centro de memória.

José Fernando Gabriel (JFG): Boa tarde, Maria Lucia. Depois de muito tempo, depois de muito vou e não vou, você acabou aparecendo. A minha história com a escola é uma memória de infância, até uma relação afetiva, e como eu morei muito tempo aqui em uma rua transversal, Antônio Prado, o Liceu é assim que a gente chamou sempre a Escola João Belarmino. O Liceu virou a nossa área de recreio, a gente vinha aqui jogar bola na quadra, pegar fruta no pomar, caçar passarinho com estilingue. Então a relação com o Liceu é afetiva desde a infância. Nos anos 70, mais especificamente em 73, eu iniciei o curso aqui de eletromecânica, no Colégio Técnico Industrial, me formei como Técnico e Eletromecânica, e foi para mim uma realização, eu até pretendia estudar no Liceu anteriormente, gostava muito da escola, mas por contingência da vida, estudei em outra escola, e vir para cá foi assim uma coisa que causou muita satisfação e, também abriu muitas portas. Porque quando eu apresentava o diploma de Técnico em Eletromecânica do Colégio Industrial João Belarmino, aquilo abria portas. Comecei a trabalhar muito cedo, em 72, e trabalhei muito tempo,

basicamente até o ano de 92, na indústria. Embora a partir dos anos 80, mais especificamente, a partir de 1988, eu fui convidado a dar aulas a noite de “Organização e Normas do Trabalho” nos cursos profissionalizantes da noite, como professor da escola, mesmo antes de ser professor, eu já trabalhei aqui na escola, e tem uma outra relação, porque a minha esposa trabalha aqui na escola, desde 81. Então quer dizer que o meu vínculo com a escola está sempre presente, quer seja com as brincadeiras de infância, quer seja na convivência como professor e também sou casado com a atual assistente administrativa, diretora acadêmica, não sei como está hoje. Também tem essa relação com a escola além de toda essa situação (corta, me perdi)

Vídeo dois (21 minutos e 43 segundos)

JFG: Casei com a Cecília no ano de 1985, trabalhando ainda na indústria, mas sempre mantendo essa ligação. Todas as festas que ocorriam na escola, até mesmo os festejos dos 75 anos da escola, estive presente como marido da Cecília, então secretário da escola. Enfim, há uma longa correlação amorosa, afetiva com a escola. Minha esposa fazia História e eu não fazia nada. Só parei no técnico e não fiz mais nada. Mas uma viagem que eu fiz com ela às cidades históricas, aquilo me motivou a estudar História. Não a história dos livros, mas tomar contato com aquele patrimônio, ver o Aleijadinho por outra ótica, ver aquelas obras, realmente falei, é isso que eu quero fazer. E fui fazer a faculdade de História, me formei em 1988, no mesmo ano que eu dava aquelas aulas extraordinárias aqui, mas não profissionalmente. Minha profissão era chefe de almoxarifado, trabalhava com materiais na indústria. Até que em 92, por um problema de concordata na empresa, em que houve uma demissão em massa, eu me vi desempregado, tive oportunidade na empresa, mas o gérmen já estava inoculado. Quando fui convidado para dar aula de História aqui, eu aceitei de pronto. Então, desde 92, eu estou profissionalmente trabalhando na escola como professor de História.

JFG: Com uma breve interrupção de sete anos, quando a escola, em 94, passa ao Centro Paula Souza, eu prestei um concurso, um processo seletivo à época, e fui indicado para ser o diretor de serviços da entidade. E fiquei no cargo até 2001. Então, de 94 a 2001, saio da sala de aula e vou para o departamento da diretora de serviços. E peguei aquela fase da transição. A João Belarmino não pertencia às escolas vinculadas ao Centro Paula Souza. Então, a partir de 94, todo aquele processo, que foi até bastante tumultuado, professores que não entendiam a mudança, demissão de um grupo, contratação de outros, eu passei por essa fase. Até que, em 2001, retornei para a sala de aula. Lembro até do Zé Vitório, que era supervisor nosso nessa época. Volta para a sala de aula, é mais gostoso. E, realmente, sala

de aula é alguma coisa assim que não sei se eu consigo parar. É, realmente, é uma cachaça. Sala de aula é cachaça.

JFG: E aí, estou na escola desde essa época. Em 97, quando o Centro Paula Souza então, lança o projeto de Historiografia das escolas técnicas, eu estava na diretora de serviços. E começamos, então, a procurar um local para que aquele acervo, que começou a ser tratado pelo professor Paulo (Paulo Roberto Accorsi Pereira), pela professora Cláudia (Claudia Cristina Jundi Penha), e pelo professor Paulo, Paulo Roberto, que ainda está na escola, ativo, e a professora Cláudia também. Começamos, então, a procurar um local para aquele acervo que estava sendo tratado e todo aquele processo de busca, seleção, até a sua catalogação. Precisávamos de um espaço. E aí nós tínhamos, o espaço que nós estamos filmando agora, era o refeitório. Como a gente não tinha mais curso de dia inteiro, período integral, estava basicamente, vamos dizer, abandonado. Mas, enfim, estava fora de uso. Aí nós fizemos a adequação, compramos as divisórias, dividimos, deixamos a cozinha ainda em condição de ser usada e passamos a usar uma parte para a reserva técnica e a outra parte para a exposição permanente. E, infelizmente, por contingências da própria instituição, conseguimos manter a reserva técnica.

MLMC: Em que ano vocês deixaram de ter essa sala que era de exposição permanente?

JFG: Ela é recente. Ela é agora de 2014. Então, eu acho que até 2015 a gente ainda conseguiu usar como uma exposição, mas não mais. Então, em 2014 já havia sido decidido, que esse espaço então seria a sala dos coordenadores, que precisavam de um espaço mais amplo. Eles precisavam da sala dos professores para as reuniões, para a guarda desses materiais e a escola necessitava de um espaço. Por essa época, então, decidiu-se que esse espaço em que nós tínhamos o espaço de estudo, a gente fazia oficina com os alunos e a exposição permanente ou as exposições permanentes, acabou se transformando em sala da coordenação. E o acervo, o que era a reserva técnica, acabou ficando ainda preservado e estamos aí mantendo com um pouco de empenho. Empenho de menos, deveria ter mais, mas ele está pelo menos mantido.

MLMC: Agora, pela visita hoje, eu vi que você tem um rico acervo na área de Marcenaria, nessa área da Fundição. Esse material expostos, eu acho que seria um estímulo para os alunos até avaliarem a evolução da tecnologia, porque vocês continuam com os cursos de Mecânica. É uma pena ter perdido esse espaço, que eu espero que seja temporariamente.

JFG: O que nós estamos fazendo, principalmente na época de aniversário da escola, antes nós tínhamos uma rotatividade maior, nós mantínhamos algumas peças e trocávamos, pegávamos matemática, por exemplo. Hoje nós vamos pegar mecânica, ou durante esse mês ou durante o semestre. Com a perda do espaço, nós temos na área superior de onde nós estamos, um corredor bastante grande, bastante amplo. E na época, principalmente de aniversário da escola ou na semana técnica científica, a gente tem a possibilidade de expor parte do acervo. E é realmente bastante visitado (ruídos externos). Existem muita gente na cidade que foram alunos, que tem também essa relação afetiva com a escola, que sabe que nessa época alguma coisa vai ser exposta. Normalmente nós fazemos painéis fotográficos, nós recebemos em uma empresa alguns painéis que a gente pode fazer uma exposição de fotos. Temos painéis interiores, um rico acervo fotográfico, é muita foto de um período bastante distante. Muita documentação escrita, tem muita coisa. Realmente, às vezes, quando a gente vai fazer uma curadoria desse acervo para exposição, a gente fica meio perdido. Então, normalmente a gente pega isso, um evento. E fazemos a exposição nesse corredor. Colocamos alunos monitores, treinamos um pouquinho para que naquele equipamento que está sendo veiculado, eles possam ter uma receptividade para as pessoas.

JFG: E depois eles vêm contar nossa, veio uma pessoa aqui que falou que estudou aqui e lembra desse professor, lembra dessa fase. Ele conta as histórias. Então, eles acabavam, os alunos relatando, aprendendo muito mais com os visitantes do que eles propriamente tentando transmitir alguma coisa. Tem muitos ex-alunos que frequentam a escola nessa época porque sabem que vão encontrar esse acervo minimamente exposto. Então, a gente não dá para fazer muita coisa. Mas o que a gente pode, a gente tem feito sim, tem mantido.

MLMC: Professor Gabriel, eu gostaria que você pudesse comentar um pouco sobre esse espaço que eu visitei hoje, da origem da escola. Porque achei fantástico vocês ainda terem resquícios do prédio original.

JFG: Infelizmente, aquele prédio, vamos dizer assim, por desleixo, não quero dizer isso. Mas, todo o esforço foi concentrado para a manutenção desse de onde nós estamos. E o prédio original, que na verdade funcionou como hospital de isolamento para varíola, lá no século XIX, ele serviu no início em 1913, quando esse prédio que nós estamos começou a aliás, ele estava sendo construído.

MLMC: Esse é de que ano?

JFG: Esse aqui começa em 10 e conclui em 14. Perdão, começa em 11, desculpe. Ele começa em 11 e é terminado em 14. Eu estou confundindo um pouquinho. Em 1913, então, tem a primeira turma. E o espaço que nós estamos, ele era uma chácara que pertencia à maçonaria Chácara Trabalho, que em 1910, por isso do 1910, foi sondado para que aqui se instalasse uma escola agrícola. O Pádua Salles, que era Ministro, Secretário de Agricultura do Estado, esteve aqui, mas achou lugar o acanhado, embora sejam 48 mil metros. E acharam outro local para que fosse fundada a escola agrícola, que acabou não sendo instalada. Quando foi editado o decreto em 1911, novamente a maçonaria disponibilizou o espaço. Olha, você tem esse espaço, vocês podem construir, é lógico que não nesses termos, mas de uma forma mais tranquila de dizer, esse espaço foi cedido para que aqui fosse construída, então, a Escola Profissional de Amparo. Enquanto esse prédio não era concluído, usou-se o antigo hospital de isolamento, o Lazareto, que nós visitamos aquelas ruínas hoje. Ali, então, foi o início das aulas, efetivamente, do nosso curso. E ali ficou até quando que começou a ser utilizado para casa de diretor?

JFG: Eu acho que na década de 50. Na década de 50.

MLMC: E quais foram os diretores que moraram lá?

JFG: Olha, com certeza, eu posso afirmar que foram o Herculano Monteiro, o Herculano Monteiro, ali pela década de 40, no fim da década de 40, começo de 50, e o professor José Amaral. Esse eu tive a oportunidade de conhecer, ele foi professor aqui na escola, enquanto eu vinha brincar aqui. Aliás, eu vinha brincar também não, eu estudava numa outra escola, que era uma escola, um colégio de freira, e tínhamos poucos meninos. Como não tinha um número suficiente de alunos para a prática de educação física lá no colégio, a gente vinha fazer aqui, porque o professor era o mesmo, o professor Mario Morandi, saudosa memória também. Então a gente vinha fazer educação física e o diretor nessa época era o José Amaral, que morava na casa que foi antigamente a sede da escola, o antigo Lazareto, enfim. Então essa construção permaneceu durante muito tempo. Quando eu fui aluno, na década de 70, chegaram os painéis para o curso de eletromecânica e a escola não tinha mais espaço. O colégio técnico já estava abarrotado de equipamento. Aqui ainda funcionava até encerrar de vez os cursos de profissionalizantes de primeiro grau. Essas máquinas foram instaladas lá na casa. Lá na casa, então, eu tive aula com o professor Antônio Alpa de eletricidade, que lá a gente fazia os esquemas em sala de aula e íamos fazer os testes nesses painéis. No ano de 75. A casa também foi utilizada, essa inicialmente, para moradia de serventes. Então os zeladores também acabaram habitando aquela casa. Foi a última utilidade...

MLMC: De que período a que período?

JFG: Olha, Lúcia, eu acho que esse período já nos anos, finalzinho dos anos 70 e anos 80. Anos 90 já não mais. Anos 90 ele já estava, assim, em desuso. A gente não usava, nem nós como já professores da escola, nem tampouco para qualquer outra atividade. Então eu acho que assim, finalzinho dos anos 70 ele já entra em desuso. E aí com a própria opção por investir mais nesse prédio e... Nesses prédios que você viu ali, as construções novas, a oficina mecânica que foram construídas, o prédio acabou ficando abandonado. Aí eu posso dizer de abandono. Embora algumas vezes tenhamos tentado algumas tratativas com a prefeitura para ver se a gente conseguia minimamente preservar, mas não foi possível. Aí a própria intempere, você viu hoje, nós tivemos que passar uma parte que tem um mato bastante alto. Muitas vezes aquele mato é roçado e por vandalismo atearam fogo. Então também ele sofreu incêndio. Então a própria... Essas ações acabaram levando ele a término. E outra, você lembra que eu disse para você, aquele prédio ele é único. Ele é uma estrutura de gaiola de madeira, até mesmo uma olaria foi criada para que pudesse fazer aqueles tijolos, aquele tipo de encaixe. Então ele é único. Ele foi único e talvez por isso ele tenha decidido ruir, além da nossa falta de zelo. Nossa, porque eu também, na época, que eu fui diretor de serviço, havia possibilidade de fazer alguma coisa. Nós não conseguimos com o poder público local e quando o centro (Centro Paula Souza) encampou a nossa escola também, que é o período que eu estava, também a gente não conseguiu. Havia outras prioridades.

MLMC: Eu achei muito interessante na visita hoje na escola, visitar essas salas de aula com as pinturas, do curso de Pintura e Plástica. Então é uma preciosidade vocês terem isso aqui. E eu acho que a escola, a direção tem que fazer tudo para manter isso, porque hoje nós continuamos tendo cursos de Design. Então essa história continua fazendo parte da história da educação profissional.

JFG: Aquilo foi uma surpresa porque foi feito um trabalho, na época do centenário foi feito um bom trabalho na escola. Devemos admitir isso. Ela foi basicamente restaurada, mas faltaram alguns critérios. Alguma parte do critério técnico mais apurado foi feito posterior.

MLMC: Que ano foi esse trabalho?

JFG: Nós recebemos essa... porque, em 2011, houve essa reforma, essa pintura, todo esse melhoramento da imagem do prédio e, algumas áreas internas pelos anos lá para o centenário, em 2011. A partir do ano de 2015, 16, nós recebemos então novamente um outro

trabalho que é a estratigrafia em que foi pesquisado exatamente, vamos rever de novo todos esses trabalhos que foram feitos até chegar no emboco primitivo. Você viu que tem algumas áreas que estão no tijolo. Então quer dizer, todo esse trabalho foi feito para chegar exatamente nas paredes dos anos 11, 12, 13, 14, quando ele foi concluído. Quando eu estava dando aula o profissional que estava fazendo, não me recordo o nome não, chamavam de pica-pau, porque ele ficava o dia inteiro batendo na parede um barulhinho de pica-pau. Ele falou: - professor, corra aqui! Eu falei: o que, aconteceu alguma coisa? A hora que eu vi eu fiquei... não sei, fiquei estarelecido, fiquei embasbacado, ficava olhando para aquilo lá sem palavras.

MLMC: Fiquei deslumbrado.

JFG: Totalmente, totalmente, porque é de uma riqueza, você pode ver naquelas pinturas e a gente chegou, né? Eu já havia lido alguma coisa até no relatório do professor Horácio Augusto da Silveira sobre o curso de Pintura, mas eu não imaginava o que era o curso de Pintura. E ali nós tivemos um registro do que é esse curso de pintura. Da sessão artística, né? Nós tivemos aqui o Humberto Frediani, um grande mestre, cujo filho, Leandro Frediani, também depois veio dar aulas aqui de Desenho, na sessão de Plástica. A gente sabia desse potencial desses artistas, mas quando se descobriu as pinturas na parede, que foi uma obra do acaso, nós pudemos fazer a ligação.

MLMC: E esse artista, professor Frediani, a obra que você hoje, que eu agradeço muito ter me levado para visitar do Almeida Júnior, foi ele que reproduziu?

JFG: A obra do Almeida Júnior foi doação, enfim, vamos pensar em doação, do Pároco da época para um governador do Estado. E para que a catedral, hoje catedral, não ficasse sem uma obra, esse professor nosso, Leandro Frediani, você viu o possessivo aqui, né? Esse nosso professor, Leandro Frediani, ele fez uma cópia. O original está na Pinacoteca, do Almeida Júnior, e nós temos uma cópia, com todo respeito ao Almeida Júnior, não deve nada, você vai poder comparar, você viu a do Leandro, você vai comparar com a do Almeida Júnior.

MLMC: E eu também te agradeço muito por ter tido a oportunidade de conhecer de perto e fotografar o altar eucarístico, né? Que o pai do professor Paulo Accorsi, ele fez parte dessa equipe que produziu, né? Agora, outra coisa que eu gostaria que o professor Gabriel comentasse um pouco é a respeito desse prédio de 1938 da Rádio.

JFG: Nós chamamos de fazendinha. A escola estava acanhada, carente de salas de aula. Aí foi feito, então, um novo prédio, concluído nessa data, que tinha duas salas de aula na parte superior, hoje abriga a diretoria acadêmica e a diretoria de serviço. Essa adequação foi feita na época que eu fui também diretor de serviço aqui. A gente precisava também, porque estava todo mundo pendurado, né? Secretaria no lado, eu na mesma sala de diretor, quer dizer. Aí tinha aquele espaço que estava ocioso também, nós fizemos uma reforma e adequamos para essa finalidade. Mas, na originalidade, ela foi criada para duas salas de aula. A parte inferior, é onde funcionava a sessão de Plástica. Vários artistas, principalmente o Leandro Frediani, trabalhou muito tempo nesse local. Tivemos aí obras primorosas, né? De antares, de pinturas, enfim. E no mesmo espaço, na parte superior, próximo das salas de aula, funcionava a sala do rádio. Tem o prefixo lá, PST4. Eu, depois de muito tempo, que vim saber o que era isso, não sabia o que era: - o PST4. Onde as informações da escola eram mandadas para a superintendência, era via rádio.

MLMC: Tinha curso de inglês em 1937 pelo rádio. Eu tenho um artigo publicado, que está na internet, que eu cito. Isso porque nós encontramos num livro de recortes de jornais, que nós temos no Centro de Memória da Carlos de Campos.

JFG: Que interessante. O rádio está aqui no Centro de Memória. A sala está lá, a gente às vezes coloca. A última operadora foi a dona Tereza, Tereza Maurano, também. E nós temos aqui o rádio e algumas mensagens trocadas.

MLMC: Até que ano foi essa estação aqui?

JFG: Olha, anos 70, talvez ele estivesse funcionando ainda, em 69, eu estou dizendo assim, nessa transição: 60, 70. Mas isso também é memória afetiva. É do tempo que eu vim aqui para jogar bola. Eu não era tão nem de aluno, nem de nada. Mais ou menos por essa época que também o amor xarife, o Márcio Coimbra, um dia encontrei com ele e ele falou: - não, foi a Tereza, foi eu que operei aquele rádio. Eu falei: - está bom, Márcio, não vamos brigar por isso. Mas tem essa possibilidade também. Você vê que as pessoas gostam disso. Embaixo da sala do rádio, o gabinete dentário. Então, onde próximo da parte de plástica, o gabinete dentário. Esse gabinete dentário também, por essa época em que eu vinha fazer educação física e jogar bola, brincar aqui, a gente até de vez em quando ficava olhando o dentista cuidar dos alunos. O gabinete dentário está no museu histórico Bernardino de Campos. Nós temos só a escarradeira. A escarradeira ficou, mas o restante do consultório, o museu tinha

exposição permanente. Hoje houve uma reformulação de conduta e de direção. Ele está na reserva técnica, mas ele está lá.

MLMC: Que bom saber.

MLMC: Olha, professor, eu lhe agradeço muito por essa entrevista. Eu vou transcrevê-la, vou editar o vídeo, e vou lhe mandar pedindo autorização para podermos publicar e difundir no nosso site de memórias do Centro Paula Souza.

JFG: Desde já está autorizado e se precisar por inscrito, eu te faço. Lucia é assim, eu gostaria de ter um pouco mais de gás para tocar outros projetos. Você sabe disso. Vamos ver se agora a vida está um pouco mais na sombra. Não tão na sombra, mas um pouquinho. Quem sabe a gente se empenhe um pouco mais. É um acervo que você viu riquíssimo. Cada caixa daquela, quando você abre, você tem uma história nova. O acervo de uma escola centenária...

MLMC: Eu gostaria muitíssimo que você voltasse para o grupo, porque nos primeiros anos que eu trabalhei com você, em 2009, os seus relatórios eram muito ricos, tanto que eu utilizei no nosso primeiro livro como referência sobre o trabalho que você desenvolveu aqui. (toque da campanha da escola)

JFG: Interessante. Me agradou muito ser referência. Obrigada. Lúcia, mais uma vez, que seja a primeira de muitas, tá?

MLMC: Obrigada.

JFG: A porta da escola está sempre aberta para você.

MLMC: Obrigada, Gabriel.

Descritores

História oral na educação

Memórias do trabalho docente

Docentes em centros de memória

Curador

Centro de memória

José Fernando Gabriel
Maria Lucia Mendes de Carvalho
Paulo Roberto Accorsi Pereira
Claudia Cristina Juntas Penha
Horácio Augusto da Silveira
Lazareto
Maçonaria
Radio
Gabinete dentário
Museu Bernardino de Campos
História
Geografia
Ciências Sociais
Pedagogia
Técnico em Eletromecânica
Pintura e Plástica
Etec João Belarmino
Almeida Júnior

Dados Biográfico do Entrevistado



José Fernando Gabriel da Etec João Belarmino, em 2018.
Fonte: Arquivo pessoal Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 2025.

José Fernando Gabriel fez o curso Técnico em Eletromecânica no Colégio Industrial João Belarmino, iniciado em 1973. Formou-se em História, em 1988. No Centro Paula Souza

ingressou como diretor de serviços na Etec João Belarmino, em 1994, e somente retorna a sala de aula, em 2001.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Fotografia: self celular, em 2/7/2021

Maria Lucia Mendes de Carvalho tem pós-doutorado em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutora em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiten, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). Professora do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional (2020). É Coordenadora de Projetos na Unidade de Ensino Médio e Técnico no Centro Paula Souza (desde 2001), coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015), Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017) e Espaços, Objetos e Práticas (2018), Narrativas de Currículos, da Arquitetura Escolar aos seus Artefatos (2020), Concepções, Rupturas e Permanências (2021), e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química

e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização (2017). Endereço na plataforma lattes

<http://lattes.cnpq.br/2330225376519419>

Anexos (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de José Fernando Gabriel

Termo de Autorização para uso de Imagem de José Fernando Gabriel

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de José Fernando Gabriel